



Original Research Article

POR UMA CIVILIZAÇÃO PARTICIPATIVA E SOLIDÁRIA A PROPOSTA

Oswaldo Della Giustina¹

Received: 31.01.2024

Accepted: 05.02.2024

Published: 31.03.2024

Abstract

Por uma Civilização Participativa e Solidária A PROPOSTA, constitui o último volume de uma série de livros do autor ,que desde a década de 1982 ,foi dedicada a contribuir, através de análises ,estudos e proposições ,ao momento de transição civilizatória em que vivemos, no pressuposto de sua inevitabilidade e urgência .

O presente texto é a transcrição de parcela da primeira parte do livro A PROPOSTA. Nesta parte o autor propõe as leis que presidem as transformações civilizatórias e analisa, em sequência, a disritmia que causa um perigoso abismo ,em contínuo agravamento, entre o avanços da Ciência e da Tecnologia e sua velocidade, face a imobilidade das instituições que constituem a Civilização.

Esta ameaça que pesa sobre a Civilização impõe o advento de uma nova Civilização, que chama de Participativa e Solidária, capaz de harmonizar esses dois termos. A proposta decorrente desses pressupostos demonstrados no texto, no entanto, faz parte apenas da sequência do livro, cujas versões em português e inglês podem ser encontrados na Amazon e, eventualmente, em outras plataformas.

Keywords: Mudança, civilização, disritmia, Ciência e tecnologia, instituições sociais, imobilidade, complexidade, liberdade, transformação.

Apresentação

O texto oferecido neste artigo é composto pela seleção de alguns itens da primeira parte do livro Por uma Civilização Participativa e Solidária- A PROPOSTA. Este livro, A PROPOSTA, sob certos aspectos, encerra a série de livros que escrevi em torno deste importante e urgente tema, desde o primeiro da série editado em 1982 ,A IDADE DO HOMEM, Fundamentos para uma Nova Ordem Social.

Digo que A PROPOSTA é o último da série apenas sob certos aspectos, porque após ele escrevi O MISTÉRIO DE TUDO ,ao perceber que além das estruturas humanas existe um dimensão

¹Professor e Filósofo, Email: della_giustina@terra.com.br

transcendental, que envolve todo o processo civilizatório e é essencial que esta dimensão seja considerada, exatamente porque é essencial.

Por pressupor que estamos às vésperas de uma grande e inevitável transformação civilizatória, os temas escolhidos para esta transcrição referem-se às leis que presidem esses eventos, seguindo o texto a analisar as razões que justificam este pressuposto como as consequências decorrentes da existência das próprias leis, e da forma como as estamos praticando.

Sob o aspecto da justificativa, revela-se evidente o abismo que ameaça a sobrevivência da atual Civilização, abismo que cresce face a diferença da dimensão e da velocidade entre os avanços da Ciência e da Tecnologia e o imobilismo ou resistência à mudança das instituições que formatam a Civilização.

Não tenho dúvida que este abismo, que cresce, ameaça de alguma forma de ruptura o futuro da atual Civilização, caso esse caminho não seja revertido por uma nova forma de Civilização que chamo Participativa e Solidária, nova Civilização capaz de superar o abismo que a ameaça.

No texto transcrevo apenas esses itens da primeira parte do livro, que pode ser encontrado em português e inglês na Amazon e, eventualmente em outras plataformas.

As Leis Que Presidem As Transformações Civilizatórias

Na medida em que se analise com mais profundidade, esse processo de evolução da civilização e a sucessão de seus estágios, percebe-se também que ele, o processo, como toda a natureza, obedece a leis que definem sua forma de acontecer, independentemente de suas circunstâncias.

A primeira Lei é a lei da complexificação do processo de evolução

Já foi visto, no item anterior, como toda a evolução é um processo no qual tudo evolui do simples para o complexo. Desse princípio se deduz que quanto mais complexo for um ser, tanto mais elevada é a posição que ele ocupa na escala evolutiva, ou, em outras palavras, a complexidade é o pressuposto da existência de maior diversificação de funções, até chegar à diversidade máxima encontrada na espécie humana. Não fosse sua complexidade orgânica a espécie humana não teria condições de exercer as funções que a caracterizam, a consciência, a liberdade e toda a diversidade de produtos que decorrem da consciência e da liberdade. Isto quer dizer que essas funções não poderiam existir, como não existem, em organismos primitivos, ou não suficientemente complexos.

Refiro-me à liberdade, e acréscimo, em consequência, à ética.

A segunda lei é a lei da aceleração das mudanças

Uma retrospectiva sobre os fatos acontecidos nessa história mostra que milhares, talvez milhões de anos, ou centenas de séculos, se passaram desde que surgiu a espécie humana sobre a terra, até que a vida nômade, ou das cavernas, se transformasse na vida urbana, ou dos grandes impérios.

A civilização dos grandes impérios, no entanto durou alguns séculos, menos de dez, até a queda do último dos grandes impérios do ocidente, o Império Romano, que resistiu por cinco ou seis séculos à investida dos povos periféricos que acabaram por substituir a civilização dos grandes impérios pela civilização feudal.

No entanto, a civilização feudal não durou mais do que cinco ou seis séculos e num processo de apenas dois séculos foi substituída pela civilização industrial, ou do capital, que até hoje ordena a organização e o funcionamento da sociedade.

Por sua vez, essa civilização do capital, mal passados dois séculos, sobrevive enquanto consegue por resistência à nova transformação civilizatória, imposta pelas transformações trazidas

pelos avanços da Ciência e da Tecnologia. Mas, ao que tudo indica, e haveremos de ver, essa resistência pode estar se aproximando de seu ponto crítico.

No entanto, tenho alguma segurança, e esta segurança inspira a PROPOSTA, que virá a prevalecer a alternativa da lei da aceleração das mudanças e de sua abrangência global, superando o ponto crítico. Isto me leva a admitir que o processo humano global possa estar se aproximando não apenas de seu ponto crítico, mas de uma nova fase essencial da evolução: de mais uma mudança civilizatória.

Nessa nova fase a concepção estática de Aristóteles acabará por ser substituída pela concepção do contínuo em mudança de Heráclito. O que de transformação essencial do processo isto pode significar para as pessoas, para a espécie humana e a sociedade, (e o universo?) vai além dos limites desta reflexão, mas é bom estar preparado.

A terceira lei é a lei da ampliação da abrangência

No início do processo de evolução, as transformações ocorriam localmente, sem relação, em consequência, com qualquer tempo ou qualquer outro espaço. Esse limite, foi se ampliando com o advento da civilização dos grandes impérios. Assim se ampliava a abrangência do processo civilizatório na medida em que se ampliavam os grandes impérios e sua capacidade de influir ou de impor novas culturas ou novos estágios civilizatórios.

No entanto, só com a civilização feudal ou, de forma mais efetiva, com as grandes navegações e consequentes descobertas, como a invenção da imprensa e de outros avanços, as mudanças começaram a independe dos limites ou do raio de influência dos domínios centrais, impondo-se sobre os estágios civilizatórios vividos pelas áreas colonizadas, ou submetidas.

Mas as mudanças civilizatórias passaram a ter uma dimensão global, (no rumo de uma civilização planetária?) e isso, com os avanços da Ciência e da Tecnologia, deixou de ser sonho ou ficção, para se tornar uma perspectiva ou um desafio para o qual a sociedade deve estar preparada.

Esses avanços resultaram na facilidade dos transportes, aproximando mundos e, sobretudo, com o desenvolvimento das comunicações que, além dos primórdios do rádio, da televisão e dos computadores, com a chegada dos satélites, viabilizaram as redes globais, a internet, o mundo conectado globalmente, uma nova Aldeia, como no começo, só que numa dimensão incomparavelmente diferente e infinitamente maior e, no entanto, mais intercomunicante e absolutamente mais interdependente do que nas aldeias primitivas.

O Processo De Ordenação Das Mudanças E As Novas Sínteses

Esse processo de construção da civilização, ou da consciência e da liberdade, que durou milhões de anos, pode parecer um processo lógico e retilíneo mas não foi. Talvez até tenha sido, nos estágios pré civilizatórios, quero dizer, anteriores aos estágios correspondentes a certo grau de complexidade, pressuposto da consciência e da liberdade.

Mas como foi dito, a complexidade não ordenada significa o caos, e o caos significa a ruptura ou a morte, e a ruptura vale para qualquer ser, vivo ou não. Nos organismos não vivos é a própria natureza que organiza suas partes, e quando as partes por alguma razão se desestruturam, também na natureza não viva ocorrem rupturas, os desastres naturais.

Nos seres conscientes, embora existindo a mesma disposição da natureza, essa ordenação natural, por causa da consciência e da liberdade, não responde por toda a organização e funcionamento dos indivíduos e da sociedade. Sobre ela se exerce a intervenção da consciência - a liberdade e a ética - ordenando a complexidade, para que não prevaleça o caos, mas se exerça a liberdade ordenada.

Isto significa dizer que na medida em que cresce a complexidade entre os seres vivos, é imperativo que a complexidade seja ordenada em novas sínteses, ou seja, em novas formas de organização e funcionamento da sociedade (também do indivíduo) e isto, vimos, tem acontecido à seu modo, em cada momento da história.

Ocorre, porém, que as sínteses não têm acontecido paralelamente, quero dizer, em sintonia com o crescimento da complexidade, e essa dissintonia entre a velocidade do aumento da complexidade e a introdução do novo ordenamento social, acaba sendo sempre causa de rupturas, conflitos, ou constantes tensões, tanto mais graves quanto for a demora de restabelecer a harmonia entre os dois processos.

Não há como duvidar que o processo civilizatório atual, vem passando por um desses momentos. Enquanto as transformações trazidas pelos avanços da Ciência e da Tecnologia trouxeram fatores de mudança, incomparavelmente maiores do que, em iguais períodos, jamais aconteceram na história, e isto vimos, a organização da sociedade, ou a ordem civilizatória, os fundamentos em que ela se apoia, os instrumentos e as formas como ela se organiza e funciona, continuam sendo os mesmos que fundamentaram e organizaram a sociedade no tempo da primeira revolução industrial, das tecnologias simples da máquina a vapor, do trem de ferro e da acumulação, ou da concentração do capital.

O Imobilismo Das Instituições E Os Avanços Da Ciência E Da Tecnologia

Uma referência à origem dos fundamentos e normas que organizam a sociedade atual e seu estágio de desenvolvimento, face aos avanços da Ciência e da Tecnologia, vai mostrar o tamanho da disritmia que caracteriza esse momento, entre as transformações tecnológicas e o imobilismo da organização social ou suas instituições, repito.

O imobilismo

Embora o processo de formação e acumulação do capital tenha lançado suas raízes na alta idade média com o surgimento da burguesia, e se ampliado com o surgimento do colonialismo, em favor dos colonizadores, sua codificação como uma síntese da nova economia, ou organização social, inicialmente só aconteceu a partir dos séculos 17 e 18, especialmente com as obras de Stuart Miller, Locke, David Hume ampliando-se com o pensamento social dos enciclopedistas e iluministas no mesmo século 18 e no século 19.

Em reação às teses desse capitalismo inicial, e da sociedade que ele gerou acumulando o capital e, em consequência, o poder nas mãos de particulares e corporações em seu próprio benefício, a exploração do trabalho e dos excluídos de modo geral, inclusive das regiões colonizadas, mais da metade do mundo, (e aplico a lógica da análise dialética da história) no século 19, mais precisamente em 1848 com o Manifesto do Partido Comunista de Marx, seguido de O Capital dele e de Engels, e já no século XX, com seus interpretes executivos, Lenine, Trotski, ou Joseph Stalin e sua feroz coletivização da Rússia, ou ainda Mao Tze Tung, na China, surgiu o socialismo em sua forma extrema, o comunismo, antítese da tese capitalista.

Ambos, o capitalismo, desde sua forma do extremo liberalismo, que rejeita qualquer intervenção ou presença do Estado, como o socialismo, igualmente desde sua forma extrema do comunismo, que rejeita a participação das pessoas e das corporações e promove a entrega de tudo ao Estado, ambos, dizia, nesses anos têm evoluído para formas mitigadas em relação à sua origem, ou a seus extremos.

No entanto, nem um nem outro se aproxima do que seria uma nova síntese econômica e social, que pudesse harmonizar a organização e o funcionamento de uma sociedade sustentável, de dimensões humanas, que fosse sintonizada com as transformações trazidas pela Ciência e pela Tecnologia.

Ouso dizer que apenas pespegaram remendos novos num tecido velho, apodrecido, e este é o equívoco nos “neo” ou dos conflitos das esquerdas e das direitas, que imaginam paralisar a história, ou impedir o surgimento das novas sínteses, como nos ensinam a sociologia, a história e, especialmente a lei da dialética.

Esta dialética da história, ou a evolução da sociedade, foi congelada e a consequência se traduz no crescimento, que tende ao exponencial, do abismo que separa os avanços da Ciência e da Tecnologia em relação ao imobilismo da organização e funcionamento da sociedade, gerando as

crises e contradições que ameaçam a sustentabilidade do processo civilizatório, ou sobrevivência da própria civilização, quero dizer, o caos ou alguma forma de ruptura.

Os Avanços

Para realçar a dimensão desse abismo entre o imobilismo das instituições e os avanços da Ciência e da Tecnologia, registro agora alguns desses avanços, com as mudanças que exultaram nesse mundo transformado, ou em transformação.

- A espécie humana levou milhões de anos para alcançar a marca de 1 bilhão de habitantes no Planeta, o que só ocorreu no começo do século XIX. No entanto, graças à melhorias nas condições de vida e alguns progressos da medicina, conseguiu após apenas um século, em 1927, dobrar essa marca.

Mas foi com a descoberta da penicilina, dos antibióticos e de outras drogas, que a população passou a acrescentar bilhões de habitantes em espaços cada vez menores. Se levou 100 anos para chegar aos dois bilhões em 1927, alcançou em seguida os três bilhões em apenas 33 anos em 1960; depois levou apenas 14 anos para chegar a 4 bilhões em 1974, apenas 13 para chegar a 5 bilhões em 1987 e, afinal, apenas 12 para emplacar 6 bilhões em 1999. Em 2011, novamente em 12 anos, ultrapassou os 7 bilhões.

Como se vê, nesse último espaço já não houve uma nova aceleração, o que constitui um prenúncio de uma reversão do processo, reversão que poderá crescer graças a políticas públicas voltadas a uma regulação do crescimento demográfico, alicerçadas em novos instrumentos de controle oferecidos pelos avanços da medicina, bem como de uma nova consciência das consequências dessa explosão, que a tecnologia permitiu universalizar.

Face a essas considerações os demógrafos em geral concordam que, pela consciência individual, por políticas públicas e pelos novos avanços da medicina, em torno dos anos de 2.050 a população humana deverá se estabilizar em cerca de 10 bilhões de habitantes, podendo ainda iniciar um processo de regressão.

Não chegava a 1 bilhão quando o capitalismo implantou a atual ordem social, ou 2 bilhões quando sua antítese, o comunismo, implantou a sua. Toda essa transformação demográfica aconteceu posteriormente à definição dos fundamentos e das regras estabelecidas para a construção e o funcionamento da sociedade, fundamentos e regras que, no entanto, continuam vigentes, como se a transformação demográfica não tivesse ocorrido.

- Enquanto a ordem social estabelecida resiste à transformação, a Ciência e a Medicina, continuam transformando as condições de vida da espécie humana:

Em 1967, ocorreu o primeiro transplante do coração. Hoje transplantam-se quase todos os órgãos e tecidos do corpo humano, o que se faz, e cada dia mais se há de fazer, com o aproveitamento de tecidos sintéticos e o desenvolvimento de outras espécies de tecidos capazes de implantar até órgãos artificiais.

O conhecimento da genética humana penetrou na origem da vida e em sua essência, com os avanços havidos a partir da descoberta inicial do DNA, de sua estrutura, seus componentes e suas funções.

Descobriu-se que nele, no DNA e em suas cadeias, se guardam os segredos genéticos dos seres vivos, os códigos definidores da vida, de suas características e dos princípios fundamentais que a regem.

Os avanços da Ciência permitem assim que a vida seja manipulada desde o útero materno, santuário da vida, que apesar disto, também pode ser substituído pela geração *in vitro*, por úteros emprestados, enfim, é de prever que talvez possamos estar às vésperas de produzir a vida em laboratório, o começo da vida primitiva...como foi tudo no começo...

Sabemos, que até o final da Idade Média a expectativa de vida da espécie humana, não ultrapassava os 30 anos. No final da Idade Média quando o capitalismo nasceu, essa expectativa passou a crescer, mas cresceu especialmente em benefício dos países colonizadores quer dizer, especialmente dos países europeus.

Assim, enquanto nesses países, hoje, a expectativa de vida ultrapassa os 80 anos, continua quase como na Idade Média nos países do mundo outrora colonizado, especialmente na maioria dos países africanos.

Em 1800 contava-se uma única cidade com mais de 1 milhão de habitantes. Em 1900 havia mais de uma dezena. Hoje uma centena de cidades espalhadas pelos cinco continentes aproximam-se, ou já ultrapassaram essa marca. Pode esse mundo habitado pela espécie humana em transformação e permanente mudança viver sob as mesmas regras que o organizaram em tempos anteriores, quando as mudanças podiam ser contadas em séculos? Enquanto isto, e paralelamente ao que acontecia com a população, as inovações trazidas pela Ciência e a Tecnologia avançava sobre todos os setores da organização social.

- Até 1906 quando Santos Dumont fez o 14 bis voar, no Campo de Bagatelle, em Paris, pela primeira vez depois de milhões de anos que a espécie humana estivera presa à terra, e até certo ponto às águas, o homem começava a deslocar-se pelo ar. Apenas 8 anos depois, em 1914, a aviação comercial, que hoje transporta diariamente pelo mundo milhões de pessoas, ensaiava seu primeiro voo, levando 16 passageiros à bordo, a uma velocidade de 370 km por hora, velocidade que hoje é alcançada por qualquer motor de automóvel-demonstração que na época não alcançava mais do que 90 km/h.

Até o final da década de 1950 a aviação comercial entrou na era do jato e menos de 20 anos depois as aeronaves superavam a velocidade do som.

- Paralelamente a humanidade entrava numa nova fase dando início à conquista do espaço, conquista que até então não parecia mais que um sonho ou mera ficção.

Em 1961 a nave russa Vostok libertou-se da atmosfera para dar uma volta ao redor da terra em 1,48 hs voando a uma média de 250 quilômetros de altura, abrindo dessa forma, a rota do espaço. Passados oito anos, em 1969, a nave americana Apollo XI pousou na Lua e o homem deixou suas pegadas no nosso único Satélite Hoje, centenas de satélites artificiais, de comunicação, de pesquisa científica, de espionagem, transformados em equipamentos de ataque e defesa, poluem o espaço, e os artefatos lançados pelo homem espionam Marte, pousam em Saturno e iniciam viagens sem retorno enviando mensagens do cosmos...e isto deixou de ser ficção...

Num mundo que se transforma em tal dimensão e velocidade, será possível manter-se a mesma organização social, criada séculos antes, quando a velocidade máxima era obtida em navios, deslocando-se a 20 nós ou seja, a um máximo de 35 kms por hora, nas melhores condições de navegação, ou em trens de ferro, que batiam recordes por via terrestre, em meados do século XIX, na velocidade de 50 km/h?

- Quando o capitalismo, em suas duas vertentes, a da iniciativa privada ou das Corporações e a do Estado feito representante único da sociedade, codificou a nova ordem social nos séculos XVIII e XIX, respectivamente, não existia um único dos meios de comunicação que caracterizam a sociedade atual e condicionam grande parte de seu funcionamento.

Não existiam o telefone e seus derivados, não existia o rádio, não existiam a Tv, o computador, a internet e as redes sociais, o uso da eletricidade, a energia nuclear, todos avanços podendo ser utilizados em favor do bem e do mal, colocando o homem diante do desafios de consequências jamais imaginadas.

- O telefone foi criado no fim do século XIX, evoluindo para as características atuais só na segunda metade do século XX, quando evoluindo com o celular móvel se integrou nas redes de computadores, na internet, servindo de plataforma para os smartphones, os tablets e outros usos.

- O rádio teve suas primeiras experiências, igualmente, só na segunda metade do século XIX, sendo massificado a partir de meados do século XX e integrando-se na internet, no mundo dos satélites, no século XXI ...

- As primeiras imagens do que viria ser a TV, foram transmitidas na primeira metade do século XX, mas só se tornou a TV de que dispomos hoje, em preto e branco e depois a cores, com milhares de pontos de resolução, transmitindo via satélite e formando redes mundiais, no fim daquele século e no começo do século XXI

- O computador, a internet, as redes sociais, tudo nasceu dos meados para o fim do século XX, tornando-se no século XXI o maior e mais extraordinário meio de comunicação jamais imaginado por qualquer civilização do passado.

- No mesmo rol das inovações que não existiam quando o capitalismo substituiu a ordem feudal, ou quando foi codificado, está a eletricidade, desenvolvida no início do século passado para iluminar ruas, praças e avenidas, ou girar algumas máquinas simples substituindo a máquina a vapor, a mecânica ou a força animal, quase nada tendo a ver com seus infindáveis usos no presente.

Hoje as novas formas de energia movem o mundo, a energia solar, a energia eólica e, especialmente, a energia extraída do núcleo essencial da matéria, a energia nuclear, e outras formas de energia monopolizadas pelo clube dos poderosos, mas que amanhã poderão vulgarizar-se nas mãos de países ou segmentos da sociedade, e ou até de indivíduos, em condições de furtar-se a qualquer controle sem qualquer espécie de compromisso com a sobrevivência da civilização.

No entanto, registro novamente, quando nasceu o capitalismo em sua dupla vertente, corporativa e estatal, nenhuma dessas novas realidades existia.

Como se pode manter e como se pode aplicar os mesmos fundamentos, as mesmas leis e as mesmas normas de organização e funcionamento da sociedade formuladas antes que acontecesse esse admirável mundo novo, absolutamente transformado pela Ciência e pela Tecnologia?

Quais as consequências da manutenção dessa ordem social ultrapassada nesse mundo transformado?